



**CÂMARA MUNICIPAL DE
SÃO PAULO**

SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

**COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E LEGISLAÇÃO
PARTICIPATIVA**

PRESIDENTE: SANDRA SANTANA

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 06-06-2023

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Declaro abertos os trabalhos da 8ª audiência pública de 2023 que a Comissão de Constituição, Justiça e Legislação Participativa realiza hoje, dia 6 de junho.

Esta audiência pública foi convocada para discutir as políticas públicas de atendimento e acolhimento das pessoas com transtornos por uso de substância, conforme requerimento nº 03/2023, da CCJ, aprovado na Comissão de 15/03/2023.

Informo que esta audiência pública está sendo transmitida no *site* da Câmara e no canal do YouTube da Câmara Municipal de São Paulo, e que a realização desta audiência vem sendo publicada no *Diário Oficial da Cidade de São Paulo* desde 30 de maio. As inscrições para participação do público foram abertas no *site* da Câmara Municipal de São Paulo em 2 de junho, devendo os inscritos pelo *site* participarem pela plataforma *on-line*, conforme *link* enviado por *e-mail*. O público presente que desejar se manifestar deverá se inscrever com a secretaria da Comissão. Cada inscrito terá três minutos para se manifestar.

Foram convidados para a audiência pública as Sras.: Bianca Pagliarin e Cláudia Maria; e os Srs.: Alexandre Araújo; Guilherme Messas; Gislaine Gimenez e Sandra Marques. (Palmas) Tem outros convidados, que também comporão a Mesa, mas que ainda não chegaram.

Tem a palavra o Sr. Alexandre Araújo.

O SR. ALEXANDRE ARAÚJO – Boa noite a todos.

Agradeço a presença de todos. Hoje é um dia histórico. No Brasil, é a primeira iniciativa de pessoas em recuperação do uso de álcool e outras drogas que se reúnem para tomar uma decisão de criar um dia, na cidade de São Paulo, para que pessoas em recuperação desse transtorno deixem de ser pessoas violentas, deixem de ser pessoas marginalizadas, pessoas irrecuperáveis e passem a ser pessoas que estão fazendo diferença na sociedade. Essas pessoas estão participando da discussão do problema e participando para uma sociedade melhor. Então, esta é a grande importância deste dia: as pessoas em recuperação tomando um espaço que lhes é devido.

A dependência química é vista, sob o ponto de vista social, com muito preconceito, com muito estigma, com muita discriminação. É muito comum você ouvir as pessoas, a sociedade em geral falar que esse é um problema insolúvel, que nós não conseguimos lidar com eles. Isso não é verdade. Isso não é verdade, porque aqui mesmo, nesta sala, 90% das pessoas estão em recuperação. Então, recuperação existe e é uma realidade.

O movimento Faces & Vozes surge dessa necessidade, de uma necessidade muito importante de mostrar para a sociedade que tratamento de dependência química em clínicas, comunidades terapêuticas, hospitais, é importante, é fundamental, mas como um apoio à recuperação. Os tratamentos são um apoio da recuperação. Eles surgiram na década de 70 para serem um suporte dos grupos de apoio e, à medida em que eles foram crescendo em tamanho, em ganho financeiro, em *status*, os tratamentos começaram a reivindicar a recuperação como um complemento deles mesmos.

Este movimento Faces & Vozes vem para mudar essa percepção. Nós precisamos urgentemente mostrar para a sociedade que o tratamento é importante, mas mais importante é a recuperação a longo prazo. Recuperação está para a pessoa assumir a vida e ser feliz, e passa por moradia, assistência médica, tratamento de trauma, inclusão social, direitos humanos. Como surgiu isso? Conversando com o Vereador Toninho Vespoli, ele, de pronto, comprou a proposta do Faces & Vozes. Nós tivemos um grande apoiador aqui, que é o Francisco, que está sendo ali... E ele comprou essa ideia e falou: "Poxa, vamos fazer esse projeto de lei. Vocês me trazem, que eu apresento". E está aqui, Francisco. As pessoas em recuperação são muito gratas e a Joana D'Arc. Em nome da Joana D'Arc eu queria agradecer a todas as pessoas que estão em recuperação, que são os meus amigos, os meus familiares. Eu não consigo cumprimentar um por um, mas a Joana D'Arc, que brigou comigo, olhou para mim e: "Ah, você fica falando desse projeto, mas você não faz. Então, me dá aqui, que eu vou fazer". Sentou, escreveu todo o projeto de lei e aqui está o legado. (Palmas)

Então, na pessoa da Joana eu cumprimento todas as pessoas em recuperação: o Chris, que contribui conosco; o Infinity Quality. Enfim, cumprimento todos que nos ajudaram a

construir este dia. No ano que vem vai ter festa, e a festa vai ser grande.

Obrigado a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Complementando a fala do Alexandre, tem um contato nosso, que é o Formiga, transportador escolar. Nós íamos fazer um trabalho na área do transporte escolar, há muito tempo, e ele me falou: “Ah, tem uma irmã Joana que faz um pouco essa discussão. Você não gostaria, Toninho, de chamá-la para a gente bater um papo?” E, aí, ela veio e nós conversamos bastante e ela falou: “Tem um pessoal aí, do Faces & Vozes, que faz um pouco essa discussão. Você não queria conversar com eles?” E, aos poucos, a gente foi conversando. Este projeto, na verdade, foi pensado há uns dois anos, mas acabou não sendo escrito. E, aí, agora, que nós estamos conversando mais, é que o pessoal falou: “Vamos protocolar o projeto”. Então, decidimos protocolar o projeto. Protocolamos o projeto e ele está em tramitação na Casa. Ele já passou por todas as comissões.

Um projeto de lei, depois que passa por todas as comissões, tem de ser votado por duas vezes. Aí, depois que se vota por duas vezes, o prefeito tem quinze dias para sancionar ou vetar. Então, ele já passou pela primeira votação e ele está na pauta para a segunda votação. Inclusive, ele só não foi votado hoje porque acabou não se votando projetos de Vereador. Então, ele está para ser votado pelos próximos dias. E, aí, vai para a sanção do Prefeito.

Para nós é muito importante essa discussão, porque acho que o psicólogo vai falar. Eu não sou entendido, eu sou matemático, mas eu imagino que as pessoas, no mundo em que vivemos hoje, cada uma delas tem um tipo de sofrimento, cada um tem as suas subjetividades, e tratam, cada um, de lidar com as questões emocionais de formas diferentes. E não é à toa que estamos vivendo em uma sociedade onde o número de suicídios está cada vez maior. Sou professor da Rede Municipal de São Paulo, e sou testemunha de que meus colegas, professores, grande parte está tomando remédios - brincamos na sala dos professores - de tarja preta. O uso de medicamentos também está sendo muito grande, e o uso também de substâncias legais.

Então, estamos vivendo em uma sociedade doente por vários motivos. Um dos motivos, acho que é a exclusão social, desemprego, problemas familiares. Conversando com as

peessoas em situação de rua vemos muito rompimento de laços familiares. Então, o que faz de repente a pessoa ir morar na rua e fazer uso de substâncias são “n” motivos, e não há uma única solução. Eu tento ler sobre o assunto, porque discutimos vários assuntos na Câmara Municipal, então não temos que ser um expert, mas pelo menos entender minimamente para não ser o senso comum. Mas tenho lido que essas comunidades terapêuticas, apesar de serem caras, geralmente as pessoas que acabam conseguindo romper são em torno de 4%. As pessoas que procuram, por exemplo, o CAPS, a recuperação passa a ser em torno de 30%.

Então, vemos que não há uma resposta única. Mesmo uma política pública que possa ter uma porcentagem maior de recuperação, também não atinge 100%. Acho que a discussão é bem complexa e também estamos aqui para aprender sobre isso, para escutar os especialistas e aprender.

Temos uma pessoa que tem de ir embora, me falaram no ouvido, logo terá de sair.

O SR. HIRAM RAVACHE - Dr. Guilherme Messas, Psiquiatra da Santa Casa. Vereador, ele participa bastante de alguns projetos já organizados com o Faces & Vozes, é um grande colaborador, por favor, Doutor.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – A Sabrina Presman está compondo a Mesa, mas de forma virtual. Alguns vão participar virtualmente e outros estão assistindo virtualmente. Então, a Sabrina também fará parte da fala da Mesa.

O SR. HIRAM RAVACHE – Boa noite, Sabrina.

A SRA. SABRINA PRESMAN – Boa noite a todos.

O SR. HIRAM RAVACHE - Já, já chamamos você. A palavra com Guilherme Messas.

O SR. GUILHERME MESSAS – Obrigado, Hiram. Obrigado, Vereador Toninho. Obrigado, Alexandre. Quero dizer que é uma honra para mim estar com vocês esta noite, agradeço a presença dos demais membros da Mesa, desde já lamentando não poder ficar mais tempo, mas fiz questão de que coubesse ainda que brevemente na minha agenda esses momentos de compartilhamento. Grato pela compreensão, vou falar alguma coisa, ouvir um pouco e depois vou sair, não por falta de interesse, muito pelo contrário, como o Hiram e o

Alexandre sabem.

Sou médico psiquiatra e professor universitário na Santa Casa. Quero falar da posição de médico psiquiatra e de acadêmico. E quero, Alexandre, ecoar as suas palavras de que este é um momento histórico. Nem todos os momentos históricos nascem cercados de retumbância e milhões de pessoas. Muito pelo contrário, em geral os momentos históricos ganham sua significância quando se olha para trás, se enxerga que naquele pequeno núcleo não repleto de pessoas, mas com as pessoas fundamentais, nasceu uma ideia que viria a se desenvolver e que viria, tenho certeza, protagonizar as discussões em saúde mental relacionada à área de álcool e drogas nos anos que virão.

E vou dizer por quê. A história muda e a história traz desafios novos. Existe um grande desafio na área de saúde mental ligado ao uso problemático de álcool e drogas, que é justamente o que fazer para as pessoas de modo tal que se respeite os direitos humanos, que se respeite a noção de saúde universal e que se sirva às pessoas aquele conhecimento acadêmico que é tão custoso, tão caro em dinheiro para as sociedades. O desenvolvimento de cientistas, de pesquisadores e de pesquisas em geral. É importante dizer que este não é um problema brasileiro, é um problema internacional, em que há um tradicional descasamento entre aquilo que a academia faz e aquilo que a população precisa. O que parece muito evidente e que as coisas são feitas para as pessoas, mas infelizmente não vem sendo bem assim.

Como a história evolui existe uma tendência atual no mundo em que se faça uma reaproximação daquilo que jamais deveria ter sido afastado, que é de um lado quem forja, desenha e oferece os serviços, no caso, de atendimento à saúde mental ligada à área de álcool e drogas. E do outro lado, as pessoas que não só delas precisam, mas sobre esse assunto, por experiência, tem uma expertise, um conhecimento. Esses são vocês do Faces & Vozes, aquilo que hoje se chama internacionalmente de especialistas por experiência para trazer uma certa igualdade entre os especialistas por estudo e que colocam especialistas por experiência. Ou seja, vocês que aqui estão como pares em igualdade de valor para a formulação não só das políticas científicas, mas da política como um todo. Esse modelo de aproximação entre ciência e

necessidade das pessoas tem como elo de ligação o movimento de recuperação.

Curiosamente ou não, o movimento de recuperação no Brasil ainda não tem, Alexandre, como você sabe, Vereador, a relevância que já começa a ter em outros locais, sempre os mais democráticos, é importante dizer. Sempre é mais democrático um país no qual os movimentos de recuperação têm uma presença maior. E por isso digo que esse é um momento histórico para mim, psiquiatra; para mim, professor. Momento em que se marca na Câmara Municipal de São Paulo a presença do movimento de recuperação, como um elo fundamental, como um protagonista para a formulação, pensamento, desenvolvimento e oferta dos atendimentos necessários às pessoas. Quando digo atendimento aqui, não estou dizendo de tratamento médico, tratamento psicológico, mas um modelo maior, o modelo de recuperação que é o reencontro de um sentido para a vida, que organiza e guia também o modo como os tratamentos devem ser feitos.

Assim concludo, saudando a ideia, desejando boa sorte a todos nós. E concludo marcando para que daqui a uns cinco anos possamos nos encontrar para ver de fato o tamanho que esse movimento, que nasce hoje, vai tomar na cena política brasileira.

Muito obrigado. (Palmas)

O SR. HIRAM RAVACHE – Dr. Guilherme Messas, psiquiatra da Santa Casa e de diversas pessoas. Querida, Vereador, e componentes da Mesa, dizer o que estou vendo aqui na plateia, temos alguns espaços ainda para serem ocupados, mas vejo várias pessoas, algumas pessoas com muito tempo limpo, algumas pessoas com outro tempo limpo e pessoas no início da caminhada. Recuperação, Vereador, se faz um dia após o outro. E cada um tem a sua forma de fazer muito particular. Mas vamos poder comentar e trazer algumas pessoas ao microfone, para poderem falar sobre o conceito de recuperação.

Doutor, gostaria de agradecer, o senhor fique à vontade para voltar as suas atividades. Vou passar a palavra ao Vereador Toninho, por favor.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Agora, vamos ouvir a palavra da Bianca.

A SRA. BIANCA PAGLIARIN - Boa noite. Eu penso que um pouco do que a gente tem visto hoje sobre a dependência química é como naquele filme *De Volta para o Futuro*, dos anos 80, 90, 2000. Quem já assistiu a esse filme? Aqueles momentos em que o personagem principal olha as fotografias e, por causa do que aconteceu, que ele visitou o passado, ele altera alguma coisa ali no passado e a foto que era do futuro muda, algumas desaparecem.

Eu penso que a dependência química tem essa característica. E, há 20 anos, eu passei por toda essa dor e conheço bem o que é se sentir desaparecendo, porque a dependência química tem isso, ela nos rouba o melhor e até mesmo o que nem percebemos que tínhamos se vai por causa da droga.

Isso acontece não apenas com o dependente químico, mas com o familiar, que também se vê desaparecendo, a sua essência desaparecendo, o seu melhor lado desaparecendo. Os sonhos de vida se desfazem de um jeito que apenas resta o desespero, resta o caos, a bagunça.

Eu tive o vício em *crack* e, há cerca de 20 anos, foi a minha última internação, mas eu passei por quatro internações no total. Na primeira, eu fiquei seis meses internada; na segunda, eu fiquei quatro meses; na terceira, quase dois meses; e na quarta foram trinta e poucos dias.

Eu creio que não foi exatamente uma vontade de voltar a existir, de me reintegrar à sociedade, eu só queria experimentar o que era isso que eles falavam ali aquelas pessoas que eu via recuperadas naquelas clínicas por onde passei. Elas me falavam: “É possível”. Confesso que eu não tinha muita esperança, não; eu não tinha esperança, Vereador.

Na verdade, eu tinha uma vontade de sair daquela vida, mas eu tinha pouquíssima esperança, pouquíssima garra para isso. Só que me disseram assim: “Olha, vontade dá, vontade passa”, e isso mudou tudo. No dia em que eu deixei essas palavras entrarem no meu coração e absorvi essa verdade, em que eu entendi também que, se eu começasse, eu não iria parar, porque eu era o tipo de dependente que não para, que passa madrugadas afora, uma atrás da outra, virando a noite sem dormir. Então, eu sonhava com o dia em que eu acordaria e não teria

fissura.

É na saída da clínica que começa mesmo a recuperação. Lá dentro, é um tratamento. Então, eu só pensava nisso: “Será que um dia eu vou conseguir acordar e não ter esse gosto na minha boca?”, porque eu sentia o gosto. Essas pessoas que a gente vê nas ruas estão se desintegrando, elas estão desaparecendo, e eu realmente pensava que aquilo não passaria nunca mais; eu tinha a impressão de que aquilo iria durar o resto da minha vida. Até que um dia, passado mais de um ano, eu me dei conta de que eu não tinha mais vontade, de que eu não tinha pensado em *crack* naquele dia, naquela semana; e eu pensei: “Meu Deus, aconteceu”.

Aquele dia foi muito emocionante para mim, foi muito marcante, porque já tinha passado mais de um ano.

Então, eu podia acreditar naquilo que me disseram.

Continuei, em outros momentos, com aquela vontade de me sabotar. Continuei, em outros momentos, tendo fissura. Só que nunca mais eu me enganei a ponto de acreditar que não tinha jeito, que não tinha uma saída.

Depois de 18 anos, eu tive a coragem de contar minha história. E não foi fácil, porque eu precisei enfrentar um monte de preconceito, como foi falado aqui: “Ah, é uma ex-drogada. O que ela fez? O que deixou de fazer?” E hoje estou muito grata por poder usar a minha voz e, quem sabe, poder ser uma voz de inspiração para que outras pessoas, outras mães possam acreditar que seus filhos sairão dessa.

Hoje eu sou mãe, tenho um menino de seis anos, que conhece a minha história. É lógico que eu contei de um jeito bem leve para ele, não posso contar em detalhes, não faz sentido; mas ele sabe que existe saída. E eu quero que as pessoas possam olhar para mim e enxergar uma inspiração, porque depois da tempestade pode vir um lindo arco-íris se a gente acreditar e se fizer o que tem que ser feito.

Eu quero agradecer por essa oportunidade, parabenizar o Vereador Toninho pela sua atitude, o Sr. Alexandre também. Que Deus possa abençoar vocês poderosamente, porque muitas pessoas precisam ouvir essa mensagem. Parabéns.

Obrigada. (Palmas)

O SR. ALEXANDRE ARAÚJO – Eu queria só fazer um comentário. Por que o nome Faces & Vozes? É por causa de depoimentos como o da Sra. Bianca. Essas histórias de recuperação têm o poder de mudar vidas, e nós não podemos mais ficar calados. Nós temos que mostrar para as pessoas que existe resiliência, que as pessoas podem transformar sofrimento em felicidade. Por isso que nós chamamos Faces & Vozes. As pessoas precisam nos conhecer.

Quem fala que a Bianca está em recuperação? Imaginem quantas mulheres podem ser ajudadas com a história dela? Quantas pessoas podem ouvir o depoimento dela e falar: “Puxa, eu vou tentar”. Então, nós temos que unir nossas forças.

Para vocês verem, olha que interessante: Lá no fundo está presente o pessoal do Garagem, de São Miguel Paulista.

O SR. HIRAM RAVACHE – Alexandre, o pessoal do Garagem e, à direita, tem o pessoal da Plena Residência também.

O SR. ALEXANDRE ARAÚJO – Plena Residência. O Chris, que eu já falei, do aplicativo Anônimos, tem 120 mil seguidores. Olha o trabalho que ele faz para levar a mensagem.

O SR. HIRAM RAVACHE - O André Almeida, do *My Journey*; o Marvin Pereira, do Infinity Quality.

O SR. ALEXANDRE ARAÚJO – Sim. O Roberto Mayer, do Amor Consciente. Fiquei feliz em te ver, Roberto.

O SR. HIRAM RAVACHE – Eu gostaria também de convidar, Vereador Toninho, para compor a Mesa a Sra. Gleuda Apolinário. Por favor.

Doutor, muito obrigado pela participação. O Doutor vai atender mais 15 pessoas hoje, ainda, no consultório dele, no turno da madrugada. Ele é assim. Gleuda, seja bem-vinda, por favor.

Sabrina, para quem não conhece, é do Rio de Janeiro, psicóloga. Ela alterna entre o Presidente, o Tesoureiro, o Vice-Presidente, da Associação Brasileira do Estudo do Álcool e Drogas, a ABEAD. Inclusive agora, na primeira semana de setembro, haverá um congresso da

ABEAD. Quem não se inscreveu, por favor, inscreva-se já, que será muito bom. Serão quatro ou cinco dias de muita informação, assim como o 3º Simpósio do Faces & Vozes que haverá na Santa Casa.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Agora nós ouviremos as palavras da Sra. Sabrina, de forma *on-line*.

A SRA. SABRINA PRESMAN – Boa noite. É um prazer estar acompanhando a audiência, mesmo que *on-line*. Gostaria muito de estar aí com pessoas tão queridas – Alexandre, Sandra, Hiram, Marvin, Andreia. E, pela fala do Hiram, está na hora de eu me aposentar, né, Hiram?

O SR. HIRAM RAVACHE – Absolutamente.

A SRA. SABRINA PRESMAN – Como o Hiram trouxe, eu sou psicóloga, especialista em dependência química, e, embora seja carioca, pela Uniad/Unifesp, como vários dos meus colegas; e sou da Diretoria da ABEAD – Associação Brasileira de Estudos do Álcool e outras Drogas. Neste ato, estou representando a nossa presidente, Alessandra Diehl – que, infelizmente, está dando aula; ela gostaria muito de estar aqui com todos.

A ABEAD tem o Faces & Vozes como grande parceiro; os nossos trabalhos e projetos se interlaçam.

A missão da ABEAD tem um pouco de traduzir a ciência, as informações baseadas em evidências, na nossa prática do dia a dia – porque não adianta ter ciência descolada das pessoas que precisam aplicar no dia a dia, entender e ter essas informações. A ideia é aproximar essas questões acadêmicas da nossa prática. E que lugar melhor do que este, neste evento, para estarmos juntos e entendermos que tudo que estudamos, e a que nos dedicamos, como médicos, psicólogos, assistentes sociais, enfermeiros, terapeutas ocupacionais, conselheiros? Todos os profissionais somente fazem sentido quando conseguimos, de fato, usar o nosso conhecimento para impactar uma vida. E isso tem muito a ver com o que está sendo visto, discutido, hoje.

Aliás, eu gostaria de parabenizar o Faces & Vozes, não somente por esse momento

de hoje, mas pelo árduo trabalho do dia a dia de estar sempre estendendo a mão e auxiliando tantas pessoas nesse projeto de recuperação.

Como o Hiram falou, vamos estar aí, já, já, em São Paulo, no nosso congresso, de 3 a 6 de setembro na Rebouças. E também tem aí momentos em que se alterna a ciência com a presença também do Drops da Esperança, dos relatos do que funciona. É importante que nós tenhamos mais momentos e histórias, como esta que acabamos de ouvir, e tantas outras que eu tenho certeza que vamos ouvir; porque dá esperança, porque nos faz acreditar que vale a pena. E é um pouco do nosso objetivo no dia a dia. Então, parabéns.

Sinto muito, queria estar com vocês, mas está dando um gostinho aqui de acompanhar esse evento tão bonito, mesmo que *on-line*.

O SR. HIRAM RAVACHE – Muito obrigado, Sabrina, pela sua participação.

Vereador Toninho, a Sabrina Presman é também responsável por um espaço, uma clínica de tratamento de ponta, que é a Clínica Clif, no Rio de Janeiro. E para o meu deleite, quando eu fui conhecer a clínica, era no mesmo espaço em que eu estudei no meu colegial. E eu fiquei parado lá, olhando, porque eu fiz o meu colegial todo e foi antes de eu começar...

Eu sou adicto em recuperação; teve um período em que eu usei de forma muito abusiva, quase morri.

Vereador, eu fiquei parado, chorando, porque era o mesmo lugar onde tinha o Colégio Princesa Isabel. Olhe a doideira: eu não usava no colégio; depois, eu passei a usar; depois, eu entrei em recuperação. E eu voltei. E vocês que foram ao Rio de Janeiro procurem a Sabrina, porque ela faz uma recepção maravilhosa. E o trabalho lá é de excelência. Realmente eu fico espantado.

Eu gostaria, Toninho, antes de passar a palavra para o senhor e para a próxima pessoa da Mesa que vai falar, chamar a Nildes Matos para compor a Mesa. É uma colaboradora. (Palmas) E também, para compor a Mesa, a psicóloga Valéria Rocha Brasil.

Vereador, por favor, a palavra está com o senhor.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Vamos escutar a Sra. Sandra

Marques.

A SRA. SANDRA MARQUES – Boa noite a todos.

Eu quero cumprimentar a Mesa na pessoa do Vereador Toninho Vespoli.

Para quem não me conhece, eu sou a Sandra Marques, faço a Coordenação Estadual do Programa Nacional de Controle de Tabagismo.

É uma honra estar aqui hoje. E agradeço ao Alexandre pelo convite.

O Faces & Vozes sempre foi o nosso parceiro.

Eu estou com vários parceiros que estão disseminando a questão do tabagismo dentre as pessoas que estão em recuperação. Tabagismo também é uma dependência química importante quando se trata de recuperação.

Trouxemos isso muito fortemente em São Paulo, dentro do CRATOD – Centro de Referência de Álcool, Tabaco e Outras Drogas. Foi uma das medidas mais efetivas que trouxemos em termos de engajamento; inclusive, de profissionais de saúde que, às vezes, se sentiam desmotivados em tratar dependentes químicos.

Não é tão fácil ser qualificado para a área. Na atenção primária de saúde, temos uma extrema dificuldade de as pessoas entenderem o fluxo de como os pacientes se comportam.

E eu queria parabenizar a organização de vocês, principalmente, na movimentação.

Hoje, eu faço parte também de uma associação de pacientes crônicos. E temos muito a ensinar ainda para essas associações em termos de organização, de cuidado, de recuperação.

Além disso, o Vereador também lembrou uma coisa que é muito importante: que esses novos dispositivos eletrônicos para fumar, os cigarros eletrônicos, são dispensadores não somente de nicotina como provavelmente de outras drogas. Precisamos ficar realmente atentos.

Recuperação também fala de educação, prevenção e promoção, que é uma das coisas que a Secretaria do Estado de Saúde está se empenhando muito, nessa nova gestão, para fazer.

Conto com vocês.

Eu gostaria de agradecer.

E é uma honra, Alexandre, estar aqui. É muito significativo mesmo para mim.

Obrigada. (Palmas)

O SR. HIRAM RAVACHE – Dando seguimento, o Vereador pode chamar a próxima pessoa da Mesa.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Vamos escutar a Sra. Nildes Matos.

O SR. ALEXANDRE ARAÚJO – Eu não posso [deixar] de fazer louros pela Nildes, porque, quando ninguém queria olhar a cracolândia, quando ninguém olhava para a cracolândia, e tinha ojeriza de olhar, a Nildes já estava lá acolhendo as pessoas.

Eu lembro de uma vez em que eu fui falar com a Nildes, pedi para ver como que eu poderia ajudá-la, como é que eu poderia ajudar, eu e a Joana D’Arc, e ela falou assim: “Olha, eu preciso de gente que possa vir conversar com eles, porque ninguém conversa. E eu fico o dia inteiro ouvindo-os falar. Vocês podem me ajudar ouvindo”.

Se há um exemplo de direitos humanos, a Nildes é. Eu sou paga pau, como falamos.

A SRA. NILDES MATOS – Boa noite. Obrigada pela oportunidade.

Eu sou a Nildes, sou baiana, estou há 19 anos em São Paulo. Vim morar diretamente dentro da cracolândia com as minhas filhas. É uma história de empatia muito grande que nasceu no nosso coração; até porque chegamos em 2004 no território da cracolândia e só havia mesmo os dependentes químicos, os profissionais do sexo. E nós nos tornamos os vizinhos mais próximos dessas pessoas. E nós passamos a dar para eles uma escuta.

Hoje, eu sou assistente social. Antes, eu achava que eu tinha somente que ajudá-los. E uma coisa fez uma diferença muito grande na minha vida, que foi entender a importância do tratamento na vida dessas pessoas. E ali eu passei a escutá-los e ver qual é a maior necessidade. E uma das maiores necessidades dessas pessoas que estão na cena do uso é de uma escuta, de uma abordagem qualificada. E nós tivemos esse privilégio de estar dentro da cracolândia, dentro do fluxo a qualquer hora. Eu sou uma pessoa que tem essa abertura do território para conversar, encaminhar, junto a equipe que fez parte da minha história anos atrás

no programa Recomeço, um programa incrível. Agora, estamos com essa nova fase de implantação em que também temos feito esse trabalho.

Então, me sinto muito honrada por esse privilégio de estar aqui e poder falar que a recuperação é possível quando se tem uma escuta, quando se estrutura um vínculo de conhecimento e dá para eles o direcionamento correto.

Muito obrigada a todos, ao Alexandre e a todos que me conhecem, Gleuda, o pessoal da Mesa, Joana; Noemi, modelo que chegou na cracolândia e, por lá, ficou tanto tempo; eu tive o privilégio de fazer essa ponte e, hoje, a Noemi está bem, mas foi através dessa equipe que trabalhou junto, assim como para tantas outras pessoas que estão em recuperação.

Parabéns por essa iniciativa.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Nildes.

Podemos escutar, agora, as palavras da Gleuda Apolinário.

A SRA. GLEUDA APOLINÁRIO – Boa noite a todos e todas.

Quero começar fazendo um agradecimento muito especial, primeiro, ao Alexandre, que conheci nesta jornada de luta contra a dependência química; ao Vereador pela iniciativa, parabéns, também por conta dessa atitude de convidar a fazer essa reflexão quanto à questão da recuperação; as minhas amigas de Mesa, diria que estou numa Mesa de longa história, de longa jornada, que começa com a Gislaine, Nildes, Sandra e todo um pessoal que está esse tempo todo nesta luta.

Queria me apresentar, rapidamente, para vocês. Eu sou a Gleuda. Hoje, estou na assessoria do Vice-Governador de São Paulo Felício Ramuth. Na gestão estadual, retomamos a questão da dependência química nos cuidados mais focados na saúde. Então, fui convidada por eles a participar dessa gestão exatamente para dar, eu diria, um *upgrade*, em todo esse processo que estamos vivendo hoje no estado de São Paulo, principalmente, na cidade de São Paulo.

Lá atrás, começamos com o programa Recomeço, que a Nildes citou, em 2012-2013,

quando o estado começou a articular essa política com uma lógica de cuidados em saúde. Nós fomos o primeiro estado no Brasil que apoiou e financiou todo o trabalho das comunidades terapêuticas, então, criamos um método de comunidades terapêuticas que pudesse ser reconhecido dentro da política pública, e, a partir disso, o Brasil passou a ter o reconhecimento das comunidades terapêuticas, como serviços regulamentados – o que foi importante para o processo de recuperação.

Mas, também, pós-programa Recomeço, estamos numa nova fase. Nós reaproveitamos o CRATOD, hoje, se chama HUB de Cuidados em Crack e Outras Drogas. Fizemos essa mudança para dar essa atualização do que nós precisamos ter uma atenção e um cuidado. Isso era importante trazer para vocês: nós não mudamos o que faz o equipamento; nós apenas aprimoramos o como fazer. É importante, estamos sempre nesse processo.

Faço esta brincadeira dizendo “nossa, eu construí o programa Recomeço, porque fui a coordenadora, e fui a pessoa que organizou o Decreto da extinção do programa”. O destino nos prova que a gente tem que estar sempre renovando e aprimorando, sempre é uma causa boa, justa.

Acho que essa discussão que estamos fazendo hoje é, exatamente, porque estamos todos com uma missão. Graças a Deus, tenho o privilégio de trabalhar nessa área, como política pública, sempre atuei na área de política pública, mas na área de drogas nos últimos 13 anos estou nessa frente na área pública, sempre aprendendo e aprimorando o trabalho. Acho que isso é um grande privilégio, nós, agentes públicos, termos a condição de conhecermos pessoas, termos parcerias, saber do trabalho que cada um faz; fico olhando a plateia e vendo as pessoas com quem já conversei, já identifiquei porque temos essa missão.

Então, quero dar os parabéns por esse ato, esse evento da recuperação, mostrando que ela é possível. Sou testemunha disso. Muitas pessoas que passaram, ao longo desses anos, pelo trabalho que estamos fazendo já estão recuperadas, na sua vida ativa. Sou uma defensora da questão do Faces & Vozes. Acho importante esse momento da fala. A sociedade tem que saber que essas pessoas existem, têm uma identidade, uma vida e que são pessoas que têm

cidadania. Portanto, sou uma grande defensora do Faces & Vozes.

Fiz questão de estar aqui hoje, Alexandre, por conta disso. É um movimento, uma organização que precisa crescer para mostrar para essa sociedade, inclusive, para a própria mídia que estigmatiza tanto o dependente químico, o coloca tanto num submundo, para dizer que essas pessoas têm identidade, têm história e vida. Temos que respeitá-las e mostrar que é possível a recuperação.

Então, parabéns pelo evento.

Obrigada pelo convite. (Palmas)

O SR. ALEXANDRE ARAÚJO – Registro a presença de pessoas de Avaré e de Itapetininga. Obrigado pela presença.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Sejam bem-vindos à Câmara Municipal de São Paulo.

A próxima a colaborar com a reflexão é a Valéria Rocha Brasil.

A SRA. VALÉRIA ROCHA BRASIL – Boa noite a todos.

Primeiramente, quero agradecer e parabenizar o Vereador; o Faces & Vozes; e dizer que estou honrada de estar aqui. Quero agradecer, especificamente, ao meu colega de tantos anos Alexandre que, em 2009, quando eu estava elaborando minha tese de doutorado, estava incomodada, nós, da academia, que falávamos se era em francês o *toxicomanie*; em português, dependente químico, drogadito; todo mundo discutindo e falando. E a minha tese de doutorado foi, justamente, para quebrar isso, para dar voz ao ser humano que estava se relacionando com substâncias que estavam prejudicando a vida dele de uma forma ou de outra e de tantas pessoas em volta.

Esse foi um primeiro momento em que, com o Alexandre, trocamos um pouco sobre isto: dar voz às pessoas. Saímos dos nossos feudos acadêmicos, querendo explicar e entender tudo, para ouvirmos um pouco o lado deles. O que é que vocês – e que nós, cada um de nós temos as nossas dependências, pensamos, sentimos e construímos nessa relação com substâncias, de uma forma ou de outra.

E, para a minha grata surpresa, depois de alguns anos, o Alexandre trouxe com a equipe Faces & Vozes que é, justamente, isto: dar voz ao ser humano acima de tudo que está na frente de uma construção de vida que pode ser ressignificada, assim como todos nós somos seres humanos que temos questões de vida que precisam ser ressignificadas.

Então, dar a voz e quebrar, cada vez mais, os preconceitos em relação a isso e convidar, nós, profissionais e acadêmicos, a sairmos dos nossos feudos e compartilharmos juntos, para construir efetivamente um olhar mais digno, mais humano e mais próximo de cada um de nós.

Acho que o Faces & Vozes merece aplausos por estar batendo nessa tecla. Eu apoio completamente, por isso estou aqui. (Palmas)

O SR. HIRAM RAVACHE – Obrigado. Dando seguimento à Mesa, o Vereador Toninho Vespoli vai chamar mais um componente.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Valéria. A próxima oradora é a Gislaine Gimenez. Antes de ela começar, lembro que as pessoas que quiserem se manifestar, por três minutos, podem se inscrever e, no final da fala da Gislaine, as inscrições vão ser encerradas. Então, as pessoas que quiserem se inscrever tem que ser durante a fala dela.

O SR. ALEXANDRE ARAÚJO – Antes de passar a palavra, queria registrar a presença do meu amigo de fé, irmão, camarada, José Carlos, do programa Recuperação. Eu conheci o José Carlos quando a gente fazia um programa às 7 horas da manhã. Também registro a presença do Ronaldo, que veio lá da Cidade Tiradentes; e do André Almeida e esposa, que vieram da Praia Grande e estão em recuperação. Que legal, litoral, interior. Obrigado pela presença de vocês. (Palmas)

Eu gostaria que vocês se inscrevessem para falar. Chris, você já se inscreveu? Faça o favor, vá se inscrever. José Carlos, se inscreve aqui. Silze, grande amiga, companheira, se inscreve para falar. Vocês são importantes. Lima, o pessoal do Garagem, venham se inscrever para falar. Quem mais? Paulo Possebon, grande amigo, da Clínica Maia, se inscreve. Faça o favor, eu vou chamar. Se inscreve senão eu vou chamar. Marcio, obrigado, por estar ajudando

também.

A SRA. GISLAINE GIMENEZ – Boa noite a todos. Obrigada pelo oportuno momento. Obrigada, na pessoa do Vereador Toninho; e do Alexandre, Presidente do Faces & Vozes, cumprimento todos os colegas que revejo, hoje aqui na Mesa. É uma enorme satisfação e prazer reencontrá-los.

Eu estou em São Paulo há cerca de cinco anos, com o desafio de conhecer este município e poder transitar entre os equipamentos de cuidados, de saúde, junto às pessoas que sofreram pelos agravos ou dependência e uso de substância, por TUS.

Eu estou hoje em recuperação a longo prazo, há mais de 15 anos, limpa hoje; e também com a oportunidade de ir, de alguma forma, ocupando outras cadeiras, onde, na pessoa da recuperação, eu digo: onde nós queremos estar. Nós podemos estar onde nós queremos estar.

Eu venho entendendo, ao longo desses anos, numa construção não só pessoal, mas como formação profissional, que a cada serviço que passo e que consigo reencontrar com meus pares num outro processo ou momento de vida; eu venho ressignificando o conceito do processo de recuperação.

Ainda considerando todas as interfaces que os agravos por uso de substância alcançam, ainda que considerando os vínculos que foram perdidos, que foram afrouxados, aqueles que amamos e que ficaram pelo caminho; ainda que a gente carregue, de alguma forma, essas memórias afetivas que nos movimentam em lembranças que ainda ferem; elas também nos fortalecem, para continuar num percurso contínuo. Sobretudo, aquilo que, em algum momento, nos representou, enquanto frágeis pela dependência, se torna um marco estrutural quando se entra num processo de recuperação.

Esse é o marco que nós devemos, enquanto na cadeira de adicta em recuperação, eu acho que tenho direito a esta fala. O marco estrutural acontece quando nós acreditamos que, a partir daí, nós podemos estar onde nós queremos alcançar.

Quando a colega Bianca diz numa fala – e me identifico muito – que: “Essa vontade

vai passar”, eu reforço, é com imensa identificação entre os pares que nos une nessa corrente que digo: nós não morremos de vontade, nós morremos pelo uso de drogas.

À colega também de trabalho, Dra. Sandra Marques, uma referência na luta das políticas públicas sobre as drogas lícitas, eu digo: estou hoje limpa do tabaco, do álcool e de outras drogas, Dra. Sandra.

Os grupos de autoajuda não têm opinião sobre as drogas lícitas. Os grupos de autoajuda falam sobre um lugar que nós estivemos, mas também de uma libertação que podemos alcançar. Então, embora não cite tabaco, digo que estar livre hoje do tabaco, e nós precisamos falar dessa política, também foi uma libertação, e que hoje eu posso estar no lugar que eu quero, sem contar cinco minutos que eu tenho que sair para poder dar o próximo trago.

Eu falo com muita emoção, porque é com imenso prazer, Alexandre, que me sinto honrada em fazer parte desta Mesa, mas sobretudo de quebrar estigmas ao dizer que o usuário, em processo de recuperação a longo prazo, só vai permanecer trabalhando com outros adictos, ainda fragilizados pelos transtornos do uso. Isso não é uma verdade. A verdade é que cada vez que a gente ainda se sente próximo e ainda queira estar junto aos nossos pares, isso nos fortalece, nos vincula e continua nos dando voz. Mas não significa que nós precisamos estar exatamente ali e com essa população sempre, mas dizendo para essa população, sempre, que existe um caminho imenso a ser trilhado.

Por isso me junto a vocês e uno o meu coração aos seus, para que juntos continuemos fazendo aquilo que sozinhos nós não conseguimos.

Obrigada. (Palmas)

O SR. ALEXANDRE ARAÚJO – Gente, não poderia deixar passar: Beto Maia, da Secretaria de Sorocaba, representando o Prefeito Manga, que também tem um longo trabalho com dependentes.

O SR. HIRAM RAVACHE – Alexandre, por isso ele estava me olhando lá do fundo e eu para ele. É o próprio.

O SR. ALEXANDRE ARAUJO – O Beto Maia está desde o começo do Faces &

Vozes. Eu o conheci e ele foi um dos pilares do Faces & Vozes. Obrigado por você estar aqui, Beto.

O SR. HIRAM RAVACHE – É importante, Vereador, não posso deixar de comentar o silêncio, o respeito, com cada depoimento, com cada fala, desde o trabalho do gabinete do Vereador Toninho Vespoli, que acolheu todas as nossas ideias, passando pelo Alexandre, o grupo do Faces, e para cada componente desta Mesa que eu conheço a vida e o trabalho, de todos, eu acompanho, e de algumas pessoas sentadas aqui.

Vereador, eu imagino que o senhor faça ideia, mas talvez não tenhamos a dimensão do quanto a gente tem para fazer e o quanto a gente só está começando. Eu realmente fico emocionado com as suas palavras, Gislaine, assim como de todos que estão aqui, inclusive pelo silêncio e o respeito. Porque tem pessoas que estão no começo da caminhada e é um dia de cada vez, um tormento de cada vez. É muito sério ter uma data para poder celebrar a recuperação. Por favor.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Agora, vamos escutar as palavras da Cláudia Maria.

A SRA. CLÁUDIA MARIA – Boa noite a todos e a todas. Na pessoa do nosso querido Vereador, eu cumprimento os demais componentes da Mesa e o meu querido Alexandre.

Meu nome é Cláudia Maria, sou psicóloga clínica e também estou em recuperação há mais de 20 anos.

É uma grande alegria fazer parte deste momento. Como o Doutor bem colocou, é um momento histórico. E como a Doutora também bem colocou, a ciência, a nossa ciência nos proporciona muitas técnicas, muitos caminhos para o tratamento, mas nós estamos falando de recuperação.

Hoje, normalmente a gente escuta falar sobre políticas públicas, sobre tratamento do – agora tem uma nova nomenclatura mais chique – transtorno por uso de substâncias; anteriormente, da dependência química. Não importa a nomenclatura, todos nós em recuperação, seja no início ou avançada, estamos em recuperação, recuperação da nossa

cidadania, recuperação dos nossos direitos, recuperação dos nossos valores e também de tudo que somos e podemos ser.

Nós, hoje, estamos instituindo, no município de São Paulo, o Dia Municipal da Recuperação. Esse vai ser o dia em que nós poderemos, unidos, sempre unidos, fortalecer o que é a recuperação. Porque, gente, sinceramente, eu já atuei no CAPS, eu já atuei em comunidades terapêuticas e isso não é segredo para ninguém. Existem muitos vieses e muitas coisas contraditórias quando se fala em tratamento. Nós temos que distinguir tratamento de recuperação, essa é a proposta do Faces & Vozes.

Nós queremos ir além do tratamento. Nós queremos políticas públicas que proporcionem ao indivíduo que em algum momento da vida se tornou portador de transtorno por uso de substância o acesso à reinserção social; que essa pessoa seja reconhecida como uma pessoa de direitos. Quando falamos do direito do autista - que realmente é necessário, eu tenho um filho autista -, falamos do direito do portador de HIV, nós precisamos começar, Vereador, a falar sobre os direitos do portador do transtorno por uso de substâncias.

Porque o indivíduo, quando adocece, perde muito da sua vida. Eu ingressei na universidade aos 45 anos. O menino começa a usar a substância aos 15 anos, não conclui o ensino médio, não ingressa numa universidade, tem pouco acesso ao tratamento, porque as políticas públicas de tratamento no Estado de São Paulo e no Brasil ainda são uma lenda porque, quando você vai no CAPS Álcool e Drogas, você vai aguardar uma triagem e não sei o que lá. Gente, a pessoa vai ficar anos em tratamento e não vai ter acesso à inserção social.

Por que eu estou falando isso? Porque, quando eu comecei o meu processo de recuperação, de tratamento, eu percebi que realmente o mais difícil não foi deixar de usar o *crack* - que eu usei até os 33 anos de idade -, o mais difícil na minha recuperação foi a minha reinserção social, foi fomentar uma cultura de recuperação. Nós precisamos disso, Alexandre, fomentar a cultura da recuperação. A pessoa em tratamento tem direitos e nós precisamos, Vereador, fomentar políticas públicas, seja nesta Casa, seja em outras casas legislativas.

Mas essa voz que começa neste evento, não a minha voz, não só a voz do Vereador

ou a do Alexandre, mas a tua voz, a nossa voz precisa ecoar, porque nós queremos mais do que tratamento, nós queremos uma cultura de recuperação que dê acesso à reinserção social de toda pessoa acometida de transtorno por uso de substâncias – que é mais bonito falar.

Agradeço, Alexandre, a oportunidade. Lembro quando o Faces & Vozes começou, eu estava lá, depois eu tive que ir para Minas Gerais, enfim, mas a nossa luta só começa nesse Dia da Recuperação, para a gente lutar por direitos, porque a pessoa em recuperação tem direitos.

Obrigada, Vereador. Obrigada a todos. (Palmas)

O SR. ALEXANDRE ARAÚJO – Gente, o Dia da Recuperação vai ser em março, todo último domingo do mês de março, então o primeiro vai ser no próximo ano, em 2024, assim que votarem, consagrarem e o Prefeito sancionar a lei.

E sabe o que é legal, que é muito louco? É a gente poder falar dentro da Câmara Municipal sem estar dando depoimento: “Olha, eu fui, eu caí, mas hoje eu sou um vaso novo”. Não, a gente está falando de direitos, está falando de reinserção, que é possível. A gente deixa de ser aquela pessoa vitimizada e passa a exercer a nossa cidadania. Isso que é legal, por isso que a gente está aqui fazendo história.

O SR. HIRAM RAVACHE – Alexandre, Vereador, é importante repetir e deixar bem marcado para todos que desde o primeiro dia que nós chegamos à Câmara Municipal, desde a entrada, passando por todos os membros e componentes, passando pela figura do Francisco, assessor do Toninho, e o Sr. Toninho Vespoli, a gente é tratada com uma lisura, com uma educação, com um carinho excepcionais. Merece uma salva de palmas, por favor, porque dificilmente a gente encontra isso. (Palmas)

Vou voltar a palavra ao senhor, a gente tem aqui um regimento que o Toninho vai falar.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – O pessoal pode achar estranho, porque ele fala, passa para mim para chamar, porque é o Regimento da Casa.

O SR. HIRAM RAVACHE – É, a gente está improvisando, mas está indo muito bem.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – O último da Mesa a falar é o Alexandre, depois a gente vai escutar as pessoas inscritas, está bem?

O SR. ALEXANDRE ARAÚJO – Eu vou ser bem breve. Eu só queria agradecer a vocês e lembrar um detalhe. Quando nós chegamos aqui, a Guarda Municipal falou: “Olha, é evento de dependente químico?”. Ela falou “É”. “Olha, se vocês tiverem algum problema, se quebrarem alguma coisa, nós vamos estar aqui ao lado.” Eu agradeci a gentileza, mas é assim, é assim, é assim. (Risos) Que bom que a gente está aqui para mudar essa realidade. Que bom que a gente está aqui para mudar essa percepção.

O SR. HIRAM RAVACHE – Alexandre, eu vou tocar para o senhor ser o mais breve possível, 20h20, vamos lá.

O SR. ALEXANDRE ARAÚJO – Agradeço a vocês pela participação. Passo para os inscritos.

O SR. HIRAM RAVACHE – Temos inscritos, Vereador?

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Tem uma pessoa *on-line* e o restante, presencial. Vou chamar a pessoa *on-line* para ver se está na sala. Guilherme Vita de Souza.

O SR. HIRAM RAVACHE – Guilherme Vita, está escutando a gente? Alô, Guilherme, Nasa chamando. Guilherme não está escutando, então vamos chamar o presencial.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Depois a gente volta a ele.

O SR. HIRAM RAVACHE – Enquanto vem o presencial... Pode chamar, Vereador.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Primeira oradora presencial, Joana D’Arc.

O SR. HIRAM RAVACHE – Joana D’Arc, essa é da casa, vai esperar. (Palmas) Eu tenho um recado antes de a Joana falar. Venha, Joana. Francisco, por favor. O Francisco vai, rapidamente, antes da Joana, explicar...

- Manifestação fora do microfone.

O SR. HIRAM RAVACHE – É? A ementa, já?

Por favor, Joana. Não pode falar meia hora.

A SRA. JOANA D'ARC SALGADO – Só quarenta minutos, eu prometo.

Boa noite a todos. É muito bom rever os amigos, é um encontro de amigos hoje. Em primeiro lugar, eu queria dizer que oito anos atrás fui convidada pelo Alexandre para fazer parte do Faces & Vozes. Estamos juntos desde então. Desde esse início, nunca ganhamos um centavo, muito pelo contrário, cada um de nós banca com seu próprio recurso todas as despesas inerentes e contamos com o apoio de alguns sócios.

Muita gente achou que ficaria rico, entrou e foi embora. Descobriu que não dá para ficar rico. Nós continuamos perseverando, fazendo vaquinha para pagar o aluguel, para pagar documentação, numa luta diária de construção de milagres. Graças a Deus, estamos vencendo e estamos aqui. Eu tenho muito orgulho disso, porque cada um de nós, de alguma forma, tenho certeza que vocês, desde o começo, colaboraram para que isso acontecesse.

Eu gostaria de ler três parágrafos, bem breves. Trata-se dos nossos direitos como pessoas em recuperação. O Faces & Vozes tem 11 direitos ou 11 princípios da pessoa em recuperação: 1. Todas as pessoas em recuperação têm o direito de se desenvolver e se inserir socialmente, independente do seu passado, devido à doença da adicção. 2. Todas as pessoas em recuperação, assim como os seus familiares e amigos, têm o direito de conhecer a natureza da doença da adicção, as formas de reabilitação e as barreiras para a recuperação avançada.

Por fim, o último. Eu tenho uma cópia de todos os princípios, vou distribuir para vocês: 11. Todas as pessoas em recuperação têm o direito de falar em público que a recuperação do longo período é uma realidade.

Já tinha 10 anos que eu era psicóloga e trabalhava na área da dependência, quando me descobri familiar de um dependente. Quisera eu saber o que significa realmente isso. Só descobri quando me tornei uma pessoa familiar, quando pude entender a profundidade, a dor e a necessidade de conhecer um mundo que eu não conhecia.

Eu vivia como profissional, mas não estava imersa como um par, como alguém familiar, trocando a minha dor com a dor de outro familiar, para juntos sairmos do buraco sem

fundo em que nos encontramos na hora do desespero.

Outro familiar, igual a mim, me tirou de lá. Eu encontrei um lugar que não imaginava que existia. Encontrei um grupo anônimo que me acolheu, que me elevou e me transformou no ser humano muito maior do que sou.

Hoje, por todas as transformações que passei, pelas dores que vivi como familiar, como amiga e por tudo o que aprendi, eu gostaria que as pessoas tivessem a mesma oportunidade que eu tive. Eu gostaria que as famílias pudessem conhecer, através da formação da mídia, da palavra que pudesse ser dita o que é, realmente, ser um dependente químico e o que é ser família de um dependente químico.

Infelizmente, as leis não permitem que gente diga, infelizmente, não vamos melhorar os índices da mídia se esclarecermos para a população do que se trata.

Eu quero o direito de ter voz e de falar. Quero o direito de dizer que sofro quando alguma coisa me acontece, mas que também eu sei o caminho de saída desta dor que eu estou vivendo. Não aceito mais ficar quieta, não aceito que me calem com leis idiotas, imbecis, que só servem para barrar a minha liberdade de existir. Eu não aceito mais. Cansei de sofrer em silêncio, de me esconder atrás do meu CRP. Sou um ser humano mais do que psicóloga, sou mãe, posso ser uma companheira, posso ser quem eu quiser. Só não quero mais me calar.

Eu exijo o direito a ter acesso a tudo isso que está escrito aqui.

Obrigada. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Joana, muito emocionante e forte a sua fala. O próximo é o Sr. Francisco Tamberlini.

O SR. HIRAM RAVACHE - Olha ele aqui. Francisco também faz parte da diretoria do Faces & Vozes. Antes da fala dele, vou fazer algumas perguntas, por favor, Francisco.

O SR. FRANCISCO TAMBERLINI - É a sabatina.

O SR. HIRAM RAVACHE - É. Francisco, quando vai ser a data do simpósio do Faces & Vozes?

O SR. FRANCISCO TAMBERLINI - Então, pessoal, primeiro vou me apresentar. Eu

sou o Francisco, como o Hiram falou, inconfundível porque sou um dos mais bonitos daqui. Vocês já devem ter percebido. Eu e o Marvin.

- Manifestação fora do microfone.

O SR. FRANCISCO TAMBERLINI - O simpósio que vai acontecer, é o III Simpósio do Faces & Vozes da Recuperação no Brasil, que vai acontecer dia 6, 7 e 8 de julho, na Santa Casa. Inclusive, o Dr. Messas que esteve aqui, é um grande colaborador nosso, estará junto, no simpósio.

Nós estaremos no final disponibilizando alguns ingressos, a preço superpromocionais. É importante a gente marcar este evento também com a fala sobre o simpósio porque também é um acontecimento importante.

Não vou dizer que será a primeira vez, mas especialistas e nós, da prática, que estamos na linha de frente, pessoas em recuperação, nós vamos tentar juntar isso. A Pastora Nildes, o André Almeida, o Rafael Leite, o Alexandre, todos esses estarão presentes.

O SR. HIRAM RAVACHE - Quem quiser procurar nas redes sociais...

O SR. FRANCISCO TAMBERLINI - Tem um QR Code nesses cartazes. Rede social é Faces & Vozes da Recuperação e ali tem o *link* do simpósio, com todas as informações, as palestras. Estaremos aí para falar.

O SR. HIRAM RAVACHE - Está convidado, Vereador, para participar, assim como toda a mesa, por favor. Faça o convite.

O SR. FRANCISCO TAMBERLINI - Deixe eu fazer a minha fala, senão esqueço e acaba meu tempo.

Pessoal, o que vou falar não é muito extenso. A minha vida em recuperação é curta, mas foi muito intensa. Desde o momento que decidi me recuperar, eu era um alcoólatra, pé de cana, manguaça, cara bom de copo, muito bom de copo, por isso eu achava que não era um problema. Eu não passava mal, isso não vai ser uma partilha, mas só para relatar um pequeno acontecimento.

Quando perdi quase tudo, inclusive, a minha dignidade - minha esposa que está aqui

sabe muito bem disso -, graças a Deus recebi uma luz de que não dava mais, que eu tinha de mudar a minha atitude.

Eu sabia que, dois dias depois, eu iria estar bem, sem sintoma nenhum, limpo, ter tomado um banho, chupado um Halls, não teria nem bafo de álcool.

Mas eu resolvi mudar a minha vida. A caminho da recuperação, a caminho da clínica onde decidi me internar, até meus companheiros estão lá, foi na Clínica Erimus, comecei a ter alguns *insights* muito importantes. Primeiro que eu nunca tinha gostado de ser chamado pelo meu nome. A Valéria já ouviu essa história, no dia que estivemos lá. Eu gostava que me chamassem pelo meu apelido. A caminho da Clínica falei para minha esposa que, a partir daquele dia, eu não seria mais o Kiko, mas sim o Francisco.

Mais alguns metros depois, naquela estradinha de terra que vocês conhecem ali, eu falei que não queria mais ser artista plástico, não queria mais ser produtor cultural. Eu quero trabalhar com arteterapia.

Ela olhou e pensou que seria mais um daqueles delírios que eu tinha. Eu falei que não, que eu achava que eu ia ajudar alguém com esse meu trabalho.

A partir do dia que pisei na Clínica até hoje - eu estive lá segunda-feira, felizmente eu estou trabalhando lá – eu sinto um desejo enorme em poder – eu digo “poder” porque estou junto com as pessoas, olho no olho delas. Não vou dizer que é empatia ou compaixão, mas é uma identificação mesmo. Porque se alguém tivesse feito isso comigo, se tivesse olhado nos meus olhos e falado: cara, careta é beber, careta não é ficar sem beber. Você pode ser simpático, mesmo se não for, não tem problema.

Quando encarei isso como um desafio, eu mudei a minha vida. Eu tenho 62 anos, voltei a estudar, voltei a entrar no mercado de trabalho sem vergonha nenhuma.

Então hoje quando olho para o espelho não vejo um cara bonito, careca, assim. Eu vejo uma pessoa, um ser humano com dignidade, e que está aqui hoje com muito orgulho, com muita satisfação em poder falar com vocês. Então, era isso o que eu gostaria de falar.

Eu quero muito agradecer, mesmo, à pessoa que abriu esse caminho para mim, que

foi a Joana D’Arc. Na clínica, quando ela apresentou o Faces, eu falei: “Eu quero ser assim. Eu não quero ser anônimo. O que eu fiz até hoje, o que eu bebi até hoje, meu sofrimento, não pode ter sido em vão. Tem de servir para alguma coisa.” Agradeço ao Alexandre, à Marisa, ao Bruno, que é a nossa pequena equipe do Faces, mas estamos fazendo muita coisa para transformar esse movimento em um movimento importante para vocês todos.

Muito obrigado a todos pela presença.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – O próximo é o Sr. Christian.

O SR. HIRAM RAVACHE – O Christian vai fazer uma apresentação de 45 minutos.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Sr. Christian, meu sobrenome é “Véspoli”. As pessoas me chamam de “Vespóli”, porque não tem acento. Eu não quis arriscar o seu sobrenome, para não falar errado, mas, se quiser se apresentar, fique à vontade.

O SR. HIRAM RAVACHE – Christian, eu vou pedir para você um favor. São 8h30. Temos um ritmo. Há mais quantas pessoas? (Pausa) Bastante. Olhem o dedinho dele, fazendo assim: “Bastante gente.” Fique à vontade. Vamos lá.

O SR. CHRISTIAN MONTGOMERY – Eu vou ser bem breve, também. Eu sou o Chris. Eu estou internado, inclusive, em uma clínica, em que o Alexandre também estava, bem como o Francisco e o Roberto. Eu já venho nisto há cinco anos. Por meio do meu Instagram, eu quebrei o meu anonimato, também. Então, eu venho tentando ajudar as pessoas há alguns anos e tem dado certo.

Eu fui internado por quatro vezes. Eu estou na minha quarta internação, mas uma coisa que eu fiz, que eu acho que valeu a pena, foi sempre ter falado a verdade. Foi ter colocado a minha voz, falado o que acontecia comigo. Eles choraram comigo. Deram risada comigo os seguidores.

O que acontece? A informação nunca morre. Nós, um dia, vamos embora – a informação, não. Então, quando partilharmos, quando deixamos alguma coisa para o próximo, eu acho que daqui a muitos anos isso vai estar muito maior do que está hoje. Não morre a nossa informação. Acabamos deixando alguma coisa para as pessoas e acho que esse é o maior

legado que podemos deixar: a informação – e tem de haver voz para isso.

O mundo evolui. Não é, gente? Assim, desculpem falar, mas não estamos mais dentro das cavernas, falando entre nós, porque hoje já há internet. Hoje, a informação chega mais longe. As histórias podem mudar outras vidas. Então, é isso.

Eu também quebrei o meu anonimato e eu acho que foi a melhor coisa que eu já fiz, porque eu sei em que isso ajudou outras pessoas. Eu espero que vá bem longe esse projeto do Alexandre e de vocês, porque eu quero fazer parte, também. Eu acho que isso vale a pena. Vale a pena quebrar o anonimato. Vale a pena mostrar para as pessoas o que é a doença, o que é o problema.

Daqui a um tempo, mais para frente, acho que, de passo em passo, as pessoas vão entender. Acho que vamos quebrar esse preconceito em breve, com o tempo. Não é do dia para a noite, mas vale a pena.

O servir é muito bom e, no tempo em que eu fiquei limpo, que foram quatro anos, o que me vem à cabeça hoje é que eu estava servindo. Quando eu estava servindo, eu estava limpo. Quando eu parei de servir, eu me afastei e recaí.

Então, eu acho que esse é o caminho. É a evolução. Como eu disse, o mundo evolui e precisamos evoluir juntos.

É isso, gente. Obrigado por me ouvirem.

O meu perfil no Instagram é chrix_montgomery.

Obrigado ao Vereador, também.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Agora, é uma oradora, a Sra. Rafaela Rodrigues.

O SR. HIRAM RAVACHE – Vou fazer um pedido, encarecidamente. Acabei de receber um recado: temos mais alguns minutos, só, infelizmente. Fique à vontade para falar, por favor. Seja o mais breve possível.

A SRA. RAFAELA RODRIGUES – Boa noite. Eu me chamo Rafaela Rodrigues e o que me motivou a dar o nome, ali, foi agradecer. Tenho gratidão ao Faces & Vozes e às pessoas

que estão aqui, compondo essa Mesa. Eu estou bem emocionada.

Eu sou casada com um dependente químico em recuperação há 15 anos. Eu tenho três filhos e, quando tudo isso surge, aprendemos e ouvimos muito falar sobre o que é a droga, sobre o que ela causa e sobre tudo aquilo que estamos vivendo, mas não encontramos pessoas falando sobre recuperação. Não se encontram pessoas falando que aquilo pode ter um jeito e que aquilo vai dar certo, um dia.

Eu estou anônima para as pessoas que estão aqui, à Mesa, mas, acompanhar a rede social de muitas delas nos aproxima e eu comecei a procurar. Encontrei o Alexandre, a Gleuda e tantas outras pessoas. Eu sigo todos vocês, que estão aqui, e eu vejo aquelas mulheres falando, dando uma luz. Assim, eu estou muito feliz por este momento.

A família, como a Bianca falou muito bem, é importante. Vamos nos desintegrando e é muito difícil falar para os seus filhos que aquilo vai passar e vai dar certo, porque não é isso o que ouvimos. Ninguém fala sobre isso. Não é interessante falar sobre a recuperação e o quanto isso traz vida, novamente. Traz esperança para nós, como família, falar que existe a recuperação e o quanto há pessoas que não têm acesso a isso, ainda. Elas só conseguem ver o que a droga faz, todas as dificuldades e tudo aquilo que acontece nesse percurso.

Assim, na minha pequenez, eu só quero agradecer, porque isso é muito importante. É como a Joana D'Arc falou. Eu quero ter o direito de falar. Eu quero ter o direito, também, de ter esperança e de saber que não é de se vitimizar, mas que as pessoas tenham conhecimento de que a recuperação existe. Isso é muito importante. Eu agradeço a oportunidade.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Sra. Rafaela. Agora, o próximo é o Sr. Rafael Goda.

O SR. HIRAM RAVACHE – Rafael Leite... Ele é psicólogo e prometeu que vai falar por dois minutos. Se deixar, ele dá uma palestra – e muito boa.

O SR. RAFAEL GODA – Boa noite a todos. Agradeço a todos os envolvidos por esta noite. Sou muito grato e privilegiado de participar deste momento, bem como do Faces, desde o início.

Gosto muito do começo do documentário do Bill, que fala assim: “Bill Wilson, antes de mais nada e acima de tudo, era uma pessoa em recuperação.” Ser uma pessoa em recuperação, para mim, vem antes de tudo. Enfim, eu estou muito emocionado, também, hoje, porque eu penso nisso todos os dias. Onde eu estiver, eu falo sobre recuperação. Eu não tenho dúvida alguma de que isso é uma realidade, tanto para mim, não só porque eu estou em recuperação, quanto para as pessoas com que eu convivo, que eu atendo, com que me relaciono.

Tive o privilégio de participar de vários tipos de modelos de tratamento, clínicas, comunidades, hotéis sociais, e é uma força gigantesca. Esse é o meu jeito de ser no mundo e é isso o que me motiva todos os dias. Então, eu sou muito feliz de estar aqui, participando disto. Essa história, esse dia, com certeza vai fazer parte dos meus aconselhamentos, das minhas conversas no ponto de ônibus, nos churrascos de família.

Isso, para mim, é o maior motivador. É o meu jeito de ser no mundo. É o que dá significado e sentido para a minha vida. O ambiente de recuperação, quando o assunto é recuperação, eu me sinto inteiro, pleno, presente. É como estou me sentindo agora. Estamos juntos e vamos lá que já deu certo. Muito obrigado. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Vou passar a palavra ao Sr. Lúcio Mauro – a letra está meio estranha, mas acho que é Lúcio Mauro.

O SR. HIRAM RAVACHE – Lúcio Mauro. É sim. Tanto que ele levantou. Lembrando que ao final, teremos uma apresentação da cantora Eliana de Lima, que irá nos agradecer com a música para esquentar o ambiente.

O SR. LÚCIO MAURO - Boa noite a todos. Muita gratidão de estar aqui hoje. Escutei muita coisa. Eu acho tudo lindo, maravilhoso, mas quando a gente fala da voz, da recuperação, infelizmente, a nossa mídia não traz isso. O que dá mídia é desgraça. É o que eles fazem. Colocam o dependente químico numa situação de humilhação e miséria, marginaliza, porque é o que vende. É o que vende. Os programas de hoje colocam o resgate do dependente químico, mas não mostram a recuperação do dependente químico, ou quando mostram é um entre mil. A

recuperação começa dentro do ambiente terapêutico e tem que ter continuidade fora dele.

Hoje, eu venho parabenizar os Alcoólicos Anônimos, os Narcóticos Anônimos, que são grupos que recuperam há mais de 80 anos. Porque, infelizmente, existe uma política de redução de danos, uma política de legalização de drogas que muitas vezes é votada aqui dentro e nós estamos aqui hoje lutando para tentar entender o que eles querem.

E nós precisamos dar voz a isso. Que hoje a gente possa, realmente, fazer com que essa voz chegue, inclusive, com as pessoas que tem recursos porque, hoje, uma comunidade, um Centro de Treinamento para tratar um dependente químico, só que muitas famílias não têm condições nenhuma para tratar seu filho, porque ganham salário mínimo.

Então é muito importante a gente refletir sobre isso, porque a dependência química foi marginalizada e a sociedade, tem um ditado: “A sociedade aceita você beber, mas não te aceita bêbado e, quando você é bêbado, você é colocado à margem”.

É isso que eu queria falar para vocês. Obrigado pela voz, obrigado Alexandre. Quero agradecer ao José, que eu fiz parte do programa Recuperação, por um tempo, junto com eles; agradecer a todas as pessoas. Que Deus abençoe vocês e que, realmente, a gente possa fazer diferença, trazendo solução para a vida das pessoas que estão sofrendo hoje, porque é uma responsabilidade muito grande. Atrás de um dependente químico, no mínimo, tem sete pessoas chorando e a vida não tem preço. E muitas vezes as pessoas colocam um preço na vida.

Obrigado a todos. Boa noite. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Boa noite, Lúcio. O próximo orador inscrito é o Sr. Davi Silva.

O SR. DAVI SILVA - Boa noite a todos. Quero agradecer ao Vereador pela iniciativa, dizer o quanto é importante este momento. Já tive participações no primeiro evento do Faces & Vozes e foi para nós, a ideia de sempre olhar e ter a coragem de dar a cara, não a tapa.

Eu me lembro, o Alexandre, há 30 anos, trabalhava numa comunidade e foi uma das primeiras pessoas a me receber no local. Estou em recuperação continuada há 28 anos, mas ele participou disso, e depois de um tempo, quando eu cheguei num Fórum para advogar, me

perguntaram se eu tinha ido assinar a carteirinha. Naquele dia, eu tive a impressão de que valeu a pena ter voz e ter face. Isso eu devo a muita gente, a grupo de anônimos, a profissionais.

Então é importante estar aqui hoje e dizer, Vereador, nós vamos copiar esse projeto nas cidades do ABC com os Vereadores que nós falamos, para instituir esse dia. Nas Câmaras Municipais, nós falamos com os Vereadores a respeito disso e logo depois vamos afinar as nossas ideias para saber como nós iremos fazer isso. Muito obrigado, obrigado a todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Obrigado, Davi. O último orador inscrito, Sr. Alexandre Alves.

O SR. ALEXANDRE ALVES - Boa noite a todos. Meu nome é Alexandre Alves. Sou um dependente químico em recuperação.

Lembro-me que no começo de 2020, eu estava aqui na cracolândia, todos conhecem, quase que sem esperança; minha família também quase que sem esperança, resolvi me encaminhar até o CRATOD. E ali, através do programa Recomeço, eu fui encaminhado para uma comunidade terapêutica. Desde então, venho passando por um processo de recuperação.

É lógico, agradeço a muitos que estão na bancada, como o meu xará Alexandre. Agradeço também a um companheiro que está no auditório, o Marvin, que quando eu cheguei na comunidade terapêutica, ele me emprestou três apostilas e foi onde comecei a estudar a dependência química.

Hoje, trabalho como terapeuta, aproximadamente há um ano e meio, em uma clínica em Amparo. Até convidei o pessoal da Clínica Nova Aliança para vir, mas eles não puderam, e estou aqui representando tanto a cidade quanto a clínica.

E, ao longo desse tempo, um ano e meio, fui trabalhando com dependência química e estudando – estou estudando psicanálise e sou terapeuta. Ainda ontem fui visitar meus pais que moram em Mogi das Cruzes, vim para um evento também, e eu estava descendo o morro – meu pai mora no alto – quando um amigo, que ainda está na adicção ativa, “na nossa língua”, como posso dizer, ele me aplicou duas multas: dinheiro e cigarro. Eu não tinha dinheiro, falei: “meu, com esse negócio de Pix, agora a gente pouco anda com dinheiro”. Mas dei um cigarro

para ele e fiquei pensando, na situação que aquele cara estava, ele não tinha face nem voz. A face estava coberta pelo suor, por poeira, por sofrimento. A voz, ninguém ouve e quando olham para ele querem dar pancadas.

E é o seguinte: dependência química realmente é um assunto de segurança pública, dependência química realmente é um assunto de serviço social, mas acima de tudo, sob minha ótica, dependência química é um assunto de saúde pública. Aquele cara é um doente. Ele não precisa de pancada. O isolamento, a dissociabilidade da pessoa, do dependente químico, não é nada mais nada menos do que um sintoma da doença. Quando eu vejo uma pessoa com a outra doença apresentando sintomas, eu penso logo em dar um analgésico, eu penso logo em dar um anti-inflamatório, um antibiótico e, quando a sociedade vê um cara naquelas condições, a sociedade quer dar pancada, não quer dar condições para o cara se recuperar.

E o que é mais lamentável é que a dependência química tendo um CID, um Código Internacional de Doenças, sendo reconhecida pela OMS, muitos, uma grande massa, o maior percentual de profissionais da área da saúde no Brasil não reconhece a dependência química como uma doença. Isso é muito lamentável. Então, esse evento é muito importante para que essas crenças venham a ser tiradas do meio da sociedade. O dependente químico precisa ser visto como uma pessoa que precisa de ajuda e não como uma pessoa que precisa ser espancada. Agradeço a atenção de todos. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Agora, o Alexandre vai falar umas palavras finais para a gente.

O SR. HIRAM RAVACHE – Já, já, Alexandre. Vereador, já vou passar para ele, só vou dar um recado e, em seguida, Vereador, o senhor chama a nossa querida convidada Eliane de Lima.

Eu queria só dar um recado rápido para todos. Todo mundo falou sobre recuperação, e aqui quero agradecer a todos os presentes, à Mesa, estou bem contente. Alexandre, parabéns pela festa, pelo evento, pela audiência pública, Vereador, parabéns a todos os colaboradores, Hugo, Beto, o pessoal todo do *staff* que está aqui, todo mundo que eu sei que fez algum tipo de

sacrifício, que começou o dia muito cedo, parabéns.

Recuperação é assim, aquilo que eu falo tem que bater com aquilo que eu faço, se não tiver essa liga, não acontece. Eu descobri, Bianca, uma chavinha, se eu for acordar de manhã na minha trajetória de recuperação e eu não puder ser uma pessoa boa eu nem da cama saio. Recuperação significa eu fazer aquilo que é bom para mim e para todos e para todas as situações, é assim. Eu era uma pessoa muito ruim, muito ruim, eu não sei como é que eu fiquei adoecido dessa forma e agora aquilo que eu prometo, que eu falo, tem que bater com aquilo que eu faço, senão não é recuperação, senão não tem verdade.

Quero agradecer ao Toninho Vespoli pela oportunidade; ao Alexandre, muito mais ainda em poder estar aqui conduzindo e apoiando a todos os presentes, a todos os que estão em silêncio e estão até o final. Por favor, eu passo a palavra ao Vereador e ao Alexandre para o encerramento.

O SR. ALEXANDRE ARAÚJO – Gente, agradeço a todos da Mesa: Valéria, Sandra, Gleuda, Bianca, Toninho, Cláudia, Nildes e Gislaine, vocês são muito importantes, assim como todos os companheiros de jornada aqui. Cada pessoa que eu vejo, eu tenho uma história, e eu estou muito feliz de encerrar esse evento, antes de passar para o Vereador, com a Eliane de Lima, que é uma batalhadora, viu. Ela é uma batalhadora, é uma história de sangue, suor e lágrimas, né, Eliane. Ela tem uma história na questão e sempre levantou a bandeira da recuperação, muito antes de a gente pensar, ela estava cantando a recuperação. Muito importante, estou muito feliz de ver você aqui.

Eu queria agradecer ao Francisco novamente, ao assessor do Toninho Vespoli, pois ele foi de fundamental importância. Foi ele que falou: “Alexandre, o que você está falando tem sentido.” Quando nenhum outro Vereador, quando nem um outro político comprou a ideia, ele falou: “meu, tem muito sentido o que você está falando, vem aqui, vamos sentar e vamos conversar.” Obrigado por você ter acreditado, gratidão de todas as pessoas em recuperação. Você vai ser sempre lembrado como uma pessoa importante.

Obrigada a todos. (Palmas)

A SRA. CLÁUDIA MARIA – Eu gostaria de aproveitar este momento e convidar todos que estão em recuperação para ficarem de pé, para que esta Casa, para que este momento histórico fique registrado aqui, Vereador.

Nós estamos em recuperação, continuaremos em recuperação e queremos mostrar a nossa face e soltar a nossa voz, porque muitas outras pessoas precisam ouvir essa voz da recuperação. Uma salva de palma para nós.

- Palmas.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Gente, agora nós vamos escutar a Eliana de Lima, que vai dar uma palhinha para a gente. Vamos combinar que não tem um microfone bom, um som bom, mas a voz dessa mulher é tão maravilhosa que vai ecoar aqui na Câmara Municipal, hoje. Fique à vontade.

A SRA. ELIANA DE LIMA – Boa noite, gente. É com muito orgulho que eu estou passando por aqui essa noite, no Faces & Vozes, eu digo Faces & Vozes porque há muitos anos a Joana D'Arc, conheci o Alexandre depois de conhecer a Joana D'Arc, que conheci há muitos anos, porque eu tenho esse problema, não vou dizer problema mais, porque eu creio que a minha filha já está curada, em nome do Senhor Jesus, mas é a 15ª internação.

Eu nunca falei isso na mídia porque as pessoas não respeitam a sua história, não respeitam o seu sofrimento, eles querem te usar na televisão para ficarem três, quatro horas com a audiência lá em cima, falando da sua tristeza, porque eu vi a Joana falando e eu senti no meu coração, porque sou mãe, sou mãe de quatro meninas, tenho cinco netos, e eu vivo isso, mas eu sempre acreditei que um dia eu ia ter a vitória e principalmente a minha filha. E essa hora chegou, porque de todas as internações que a minha filha teve, está tendo uma mudança impressionante, então eu sou uma pessoa que eu creio muito em Deus.

Estou falando isso aqui pela primeira vez. Nunca falei isso na mídia, mas eu não posso ser hipócrita e não falar o que acontece comigo e levantar a bandeira dessa causa. Então, eu quero agradecer o Faces & Vozes, a todos vocês, obrigada, foram testemunhos maravilhosos, foi uma lição de vida e vai aí o Dia Municipal da Recuperação, então, sempre canto com alegria

e agora mais ainda. Vamos lá, vou cantar um samba aqui, “simbora”.

- Apresentação musical.

A SRA. ELIANA DE LIMA – Obrigada, gente. Foi uma noite maravilhosa, estou muito feliz de poder ter passado por aqui, cantar para vocês e nos alegrarmos, porque o trabalho do Faces & Vozes é um trabalho muito humano, são pessoas que realmente nasceram com o coração para ajudar o próximo. Muito obrigado a todos. Valeu.

O SR. PRESIDENTE (Professor Toninho Vespoli) – Declaro encerrada a audiência pública.
